

## FORMAÇÃO DOCENTE E A PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UENF

*Liz Daiana Tito Azeredo da Silva* (UENF)

[jolizdaiana@gmail.com](mailto:jolizdaiana@gmail.com)

*Jaqueline Maria de Almeida* (UENF)

[jaquelinemalmeida@yahoo.com.br](mailto:jaquelinemalmeida@yahoo.com.br)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinaff@gmail.com](mailto:elinaff@gmail.com)

### RESUMO

Tal estudo ressalta a preocupação com o novo perfil de formação de professores, que traz consigo algumas fragilidades no que diz respeito à construção do conhecimento desses futuros docentes. Assim, o que vem ocorrendo é a falta de uma formação adequada aos futuros docentes e, conseqüentemente, uma lacuna no trato das peculiaridades inerentes ao ato de ensinar. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar de que maneira as teorias linguísticas que permeiam no curso de pedagogia, oferecido pela Universidade Estadual do Norte Fluminense, contribuem no processo de formação do professor e na sua relação com a língua, a linguagem e a sociedade. Para tal abordamos os estudos de Luiz Carlos Cagliari (1996), Irlandé Antunes (2009), Luiz Antônio Marcuschi (2007) dentre outros. Também foram realizadas análises das ementas do curso de pedagogia da UENF, projeto político pedagógico do curso. Vimos que os enfrentamentos existentes estão atrelados ao processo de ensinar e aprender, decorrentes de uma educação fragmentada e engessada. Nessa perspectiva, o processo de formação inicial de professores precisa ser estabelecido de forma a considerar esta amplitude, com caráter multidimensional aproximando a formação acadêmica da realidade, não só do universo escolar, mas também do futuro professor com medidas de reflexão-ação. No entanto, através deste estudo foi possível constatar que o curso de pedagogia da UENF tem oferecido subsídios para auxiliar esses futuros docentes a compreender as teorias linguísticas de maneira que estas possam auxiliar sua futura prática docente.

**Palavras-chave:** Ensino de linguística. Formação docente. Aprendizagem.

### 1. Introdução

A linguagem humana, dentro de sua complexidade, fornece elementos que servem como subsídios para um processo de ensino aprendizagem mais significativo, buscando sempre minimizar as lacunas de conhecimento na formação dos sujeitos. Desta forma, o presente trabalho, apresenta de que maneira as teorias linguísticas permeiam (ou não) o curso de pedagogia da UENF, no que tange aos princípios de ensinar aos usuários da língua falada novas modalidades comunicativas, tomando como base, a importância do conhecimento das particularidades de co-

municação, falada ou escrita. O desenvolvimento da competência linguística em relação a sua natureza, função e usos é imprescindível para qualquer docente, mas, especialmente, para os profissionais de pedagogia que trabalham diretamente com a primeira fase de educação formal dos sujeitos. (MARCUSCHI, 2008)

Tomando como eixo norteador, temos a linguística, enquanto ciência que estuda a linguagem humana e suas funcionalidades. Conforme afirma Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 162), “a produção discursiva é um tipo de ação que transcende o aspecto meramente comunicativo e informacional, ou seja, “atividades discursivas servem para atividades de controle social e cognitivo”. Dessa maneira, as questões aqui desenvolvidas pretendem contribuir para uma reflexão aos profissionais que se deparam com dilemas educacionais e sobre os processos educativos nos aspectos da linguagem e seus papéis sociais, já que o discurso pode ser visto como uma forma de imposição do poder ou influência sobre alguém ou uma determinada pauta. (MARCUSCHI, 2008)

Para isso, optou-se por uma pesquisa de análise dos documentos oficiais do curso de pedagogia da UENF como: ementas, Plano Político Pedagógico, Matriz curricular, e as bases teóricas atreladas às pesquisas que abordam a formação docente. A análise desses documentos tem o intuito de propor a inserção de novas práticas educacionais e, se necessário, realizar uma intervenção na atuação pedagógica aos docentes do curso.

## **2. *A formação inicial e as práticas educativas: os documentos do curso de pedagogia UENF***

A formação inicial faz parte de um processo contínuo que serve como base para a construção do conhecimento do profissional da educação e, ao mesmo tempo, a profissão de educador. De acordo com o Ministério da Educação – MEC, uma nova prática de educação infantil implica oportunizar aos docentes o acesso às competências, habilidades e conhecimentos específicos para sua atuação, cuja aquisição deve ser o objetivo central da formação inicial e continuada dos mesmos.

A função do pedagogo é, muitas vezes, polivalente, tendo, por exemplo, que atuar em disciplinas de conteúdos diferentes, dominar diversos conteúdos, e estratégias de ensino. Contudo, seu processo formativo não dá conta de consolidar toda essa teoria com o contexto educacional. De acordo com Imbernón (2006, p. 39), o processo de formação

deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores.

Nessa perspectiva, um fator relevante para a formação de futuros educadores, é a forma como são realizadas as abordagens e concepções da linguagem. Possibilitando a ruptura tradicional, trabalhando a variação linguística na sala de aula, levantando sempre a questão do conceito de variedade e não de erro.

Uma vez que, ao se trabalhar essa questão da variedade, busca-se não dar continuidade à tendência escolar de uniformizar o aluno quanto ao conhecimento e às habilidades requisitadas pela escola, levando assim, romper os possíveis preconceitos existentes na linguagem que os alunos. Essa, entre outras ações dos educadores, possibilita que estes experimentem uma metodologia da aula baseado na interação professor e aluno, e principalmente oportunizado novas experiências de aprendizagem de leitura e de escrita.

Luiz Antônio Marcuschi (1996) aponta que é responsabilidade da escola propor atividades menos burocráticas e mais produtivas e próximas da concepção de uma língua social. O autor apresenta quatro premissas para defender a o trabalho com a língua falada em sala de aula, partindo do pressuposto que ela já possui um lugar efetivo no ensino de língua materna. São elas:

1ª) A língua é heterogênea e variável: Nessa perspectiva, o sentido do discurso é resultado das condições de uso da língua. Logo, os sujeitos constroem os sentidos dos textos e discursos através da interação entre eles e não pela seleção gramatical ou lexical para a construção desses discursos. Assim, o foco do trabalho com a língua está no próprio uso da língua e não apenas no código linguístico. Nesse sentido, é impensável um professor que trabalhe a língua materna sem levar em conta as questões relativas ao uso da língua, pois é exatamente as relações entre a fala e a escrita, complementares e não dicotômicas, como duas modalidades pertencentes a um mesmo nicho de variações que é a língua portuguesa.

2ª) A escola deve ocupar-se da fala propondo um paralelo de análise com a escrita: uma realidade que pertence a grande parte das escolas públicas brasileiras é que elas dedicam majoritariamente ao ensino da escrita, já que é função da escola auxiliar o aluno a desenvolver o domínio pleno da norma padrão, institucionalmente aceita, ainda que no início da escolarização a fala se sobreponha à escrita. A segunda premissa evidencia a importância que só é possível compreender e ensinar a língua escri-

ta com base na correta compreensão do funcionamento da língua falada, ou seja, a língua falada pode ser vista como ponto de partida e a escrita como ponto de chegada para o trabalho com a língua materna.

3ª) A escrita torna o aluno bimodal, diferentemente de bidialetal: Nesse sentido o autor que dizer que aluno Bimodal é aquele que tem o domínio duplo da língua materna, na modalidade de uso tanto da língua falada quanto da língua escrita.

4ª) O uso da língua ser feito em textos contextualizados rompendo com o ensino de unidades isoladas: Nesse sentido o autor propõe que é romper com a insistência no ensino de unidades isoladas como frases, palavras e sons, buscando uma concepção de língua no sentido de interação social. Sim, a gramática deveria ser trabalhada na produção e compreensão textual e não como mero exercício analítico de palavra ou frases. Trabalhar a língua de forma contextualizada é buscar propostas metodologias que integrem várias atividades de uso da língua (produção oral, escrita, leitura e compreensão textual).

No processo formativo, são abordadas questões que possibilitem a visão global do fenômeno educacional e dos dilemas encontrados no sistema de ensino. Outra preocupação constante é que sejam oferecidas possibilidades para o desenvolvimento de competências polivalentes para atuação docente, uma vez que a função do educador implica a diversidade das tarefas, provocando a necessidade de constituir conhecimentos múltiplos e contextualizados, entrelaçados ao contexto social e às novas exigências socioeducativas. Por competência polivalente, de acordo com os termos dos Referenciais Curriculares Nacionais (BRASIL, MEC/SEF, 2001), entende-se que:

Ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas, que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas de conhecimento. Este caráter polivalente demanda por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos essenciais para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (p. 41).

Dessa forma, os professores da educação básica têm a possibilidade de criar espaços de aprendizagem nos quais os conflitos possam se manifestar de forma sadia e equilibrada e quiçá, a longo prazo, que estes conflitos não sejam mais presentes. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais 02/07/2015

Art. 1º - § 1º - Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção.

Diante do exposto, levantamos uma reflexão acerca do futuro professor, formado em pedagogia, que irá alfabetizar e lecionar a Língua Portuguesa nos primeiros anos do ensino fundamental, e como ressalta Luiz Carlos Cagliari (1996, p.30), “quem lida com o ensino de linguagem tem que saber Linguística”.

Dessa forma, é importante analisar e entender como tem se apresentado as teorias linguísticas no curso de pedagogia em questão. Na área da Linguagem, são disciplinas obrigatórias:

- *Pensamento, linguagem e aprendizagem*
- *Conteúdo e Metodologia do Ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental I,*
- *Leitura e Produção de Textos I,*
- *Leitura e Produção de Textos II,*
- *Fundamentos da Alfabetização I*
- *Libras: inclusão educacional da pessoa surda ou com deficiência auditiva.*

Existem também as disciplinas optativas:

- *Introdução à linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna,*
- *Educação e Literatura Infantil,*
- *Fundamentos da Alfabetização II,*
- *Políticas Linguísticas na Escola.*

Nas ementas dessas disciplinas, tanto as obrigatórias como as optativas, foi possível verificar a introdução e relação da linguagem e educação. As teorias referentes à aquisição da linguagem, ficaram a cargo da disciplina *Pensamento, linguagem e aprendizagem*, com 4 créditos teóricos, perfazendo um total de 68 horas. As orientações da Linguística, encontram-se nas disciplinas: *Introdução à linguística Aplicada ao Ensino*

de Língua Materna e Políticas Linguísticas na Escola, porém, ambas são optativas.

Nessa abordagem foi possível verificar pela análise das ementas que essas disciplinas possuem um enfoque na concepção de linguagem tomando como base o ensino de linguagem por meio do texto, visando que os alunos conheçam as variações da língua e aprendam usá-las adequadamente. Tal concepção é defendida também por Luiz Antônio Marcuschi (2007, p. 58) ao apontar que certamente, não se trata de ver a fala como um simples “código oral” e a escrita como um simples “código gráfico”, ambos com o intuito único decodificar uma língua que estaria previamente pronta, homogênea e fixa.

Uma possibilidade de inserção dos conceitos linguísticos, como suporte aos cursos de formação, são oficinas de formação continuada que podem inclusive ser desenvolvidas ao longo do curso de graduação. Na UENF já existem algumas propostas nesse sentido, desenvolvidas paralelamente ao projeto de extensão intitulado “A educação linguística na formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental I”, com um olhar na relação à teoria x prática de ensino, com ênfase nos problemas relativos ao ensino de linguagem, tomamos a posição de Eliana Crispim França Luquetti e Sérgio Arruda de Moura (2010, p. 160),

A formação docente é, atualmente, prioritária para a mudança desse contexto de diversidade e preconceitos, entre os quais os sociais e os linguísticos. A maior parte dos educadores ainda não concebe a diversidade e a diferença linguística; conseqüentemente, não possui a capacidade de análise para transformar a sua prática pedagógica.

Não há dúvidas de que os professores precisam ser preparados desde o início de sua formação, para então poder efetivamente mudar suas práticas. Destaca-se aqui a importância da assimilação crítica dos estudos linguísticos e a necessidade premente de se estabelecer um maior contato do professor de língua materna com as propostas da linguística. Isso porque, conforme apontado por Luiz Antônio Marcuschi (1996, 2007), o ensino da língua materna, especialmente da gramática, precisa levar em conta a posição do professor e do aluno como interlocutores.

Assim, é preciso entender a relação complexa que há entre a língua e o pensamento, enfocando todas as suas formas de realizações na língua. Isto pressupõe capacitar o aluno a empregar de maneira adequada a língua materna em todas as suas formas de manifestação, o que inclui também a oralidade, por exemplo.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo. (BRASIL, 1998, p. 67)

Dessa forma, novas responsabilidades são colocadas para o professor, pois não basta apenas conhecer uma área específica do conhecimento, é preciso também saber dialogar com as diversas áreas de saberes, a fim de promover uma mediação interdisciplinar. Faz-se necessária uma compreensão ampla da educação com uma visão social, democrática e multicultural. Devido à inserção da valorização da linguagem na maioria das instâncias da sociedade, é preciso repensar o processo de ensino-aprendizagem numa visão mais holística, a fim de promover um redimensionamento entre os sujeitos ativos desse processo.

Considerando a construção dos saberes iniciais em confronto com suas experiências da prática vivenciada, Selma Garrido Pimenta (2009) aponta que

O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno ao seu ver como professor. Isto é, de construir a sua identidade de professor. Para o que os saberes da experiência não bastam. (PIMENTA, 2009, p. 20)

Portanto, tomar a formação inicial em si, com suas precariedades e virtudes, como fonte para analisar, criticar, elogiar e avaliar a atuação dos docentes em exercício na educação básica é incorrer no erro lógico de tomar uma manifestação importante e significativa como se ela fosse o todo. No entanto, é válido ressaltar que a formação inicial é a condição, o meio mais próximo e direto para o exercício profissional relativo à ambiência escolar.

Desse modo, aos cursos de licenciatura, em especial o de pedagogia, têm o desafio de formar futuros docentes não apenas em uma área específica, mas também de construir um conhecimento pedagógico consistente, dotando suas aulas de significado pleno. Mais que isso, um dos maiores desafios da formação e da profissionalização do futuro professor é a construção da identidade docente, materializada no investimento pessoal, na formação, no interesse pela educação e no anseio de dedicação integral e profissional à docência.

### 3. Conclusão

Os cursos de formação de professores, como por exemplo, o curso de licenciatura em pedagogia, precisam inserir essas novas possibilidades na mediação do conhecimento. Existem intenções de melhoria na qualidade de ensino relativo à linguística, contudo, percebe-se que essas ações desenvolvidas precisam ser mais evidenciadas. Dessa forma, novas responsabilidades precisam ser colocadas para o professor, pois não basta apenas se aprimorar em uma área específica do conhecimento, mais que isso, é preciso também saber dialogar com diversas áreas de saberes, a fim de promover uma mediação interdisciplinar.

Dessa forma, faz-se necessária uma reestruturação ou melhorias em algumas questões relativas à formação do educador, buscando uma formação voltada para uma visão social, democrática e multicultural.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Língua, texto e ensino: outra escola possível*. São Paulo: Parábola, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. *Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em pedagogia*. Brasília: MEC/CNE, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. A prática pedagógica como núcleo do processo de formação de professores. In: \_\_\_\_\_. *Por uma política nacional de formação de professores*. (Org.). São Paulo: UNESP, 2013, p. 95-106.

IMBERÓN, Francisco. *Formação docente profissional: forma-se para a mudança e a incerteza*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUQUETTI, Eliana Crispim França; MOURA, Sérgio Arruda de. Políticas linguísticas na escola: a conscientização linguística na formação de professores. In: *Políticas linguísticas na escola: a conscientização linguística*, 2010. Disponível em

<<http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/1762/946>>



MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de Gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. A língua falada e o ensino de português. *6º Congresso de Língua Portuguesa*, PUC-SP, 1996. (mimeo).

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: Definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_; DIONÍSIO, Angela Paiva. *Fala e escrita*. Luiz Antônio Marcuschi. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.